

## **É hora de não retomar.**

A atual crise da saúde está gradualmente levando a produção mundial a um impasse. Em apenas algumas semanas, tornou possível o que parecia impossível: um afrouxamento da limitação orçamentária, uma reavaliação de dividendos, uma defesa do estado de bem-estar por aqueles que o desmontaram, apoio incondicional aos trabalhadores afetados por perdas de renda e uma queda inesperada nas emissões de gases de efeito estufa. Mas já estamos ouvindo falar em grandes planos de estímulo econômico assim que o período de confinamento terminar, a fim de fechar esse parêntese o mais rápido possível e retomar a trajetória de crescimento econômico interrompido.

No entanto, duas questões inter-relacionadas precisam ser consideradas à medida que saímos da crise. Por um lado, devemos limitar, por todos os meios possíveis, a imensa crise social e geopolítica que se aproxima. Por outro lado, não devemos retomar como antes.

As dificuldades que se acumulam nos próximos meses significam que certamente haverá um 'antes' e 'depois' do COVID-19. Não mais viveremos amanhã exatamente como vivíamos ontem. Este cenário "depois" está sendo preparado, mas ainda não tem sido escrito. Os pensamentos a seguir visam canalizar racionalmente o caos que está por vir. Essas considerações também tentam levar em conta a atual exacerbação das desigualdades, para aqueles que estão isolados, para os que perderam o emprego, para os que devem se-expor à doença nos seus locais de trabalho e para quem trabalha em casa.

Esta crise sanitária cria uma situação paradoxal. Está causando uma profunda reavaliação de como funciona a nossa economia, desde que aqueles analistas de renome mais convictos dos seus méritos agora reconhecem o impasse em que estamos. No entanto, apesar das drásticas medidas de emergência, a produção econômica em curso além dos setores considerados "essenciais" e a erosão das liberdades civis mostram que alguns estão prontos para fazer o que for possível para retomar a produção, "faça chuva, faça sol" por questões ecológicas ou pela saúde física e psicológica dos seres humanos. Devemos, portanto, estar preparados para impedir a retomada da mesma trajetória mortífera, para que este momento na humanidade seja de fato um ponto de virada para um futuro desejável.

### *Tempo para um inventário*

Juntamente com outros (diversas organizações, o Clube de Roma, o sociólogo Bruno Latour, um grupo de intelectuais chamando para uma conferencia sobre o COVID-19), acreditamos que a desaceleração econômica imposta pela crise oferece uma oportunidade para, afinal, enfrentar seriamente os problemas ecológicos que, se esquecidos, prenunciam episódios muito mais desastrosos. Talvez nunca mais tenhamos a oportunidade de reavaliar, todos juntos, graças ao feroz enfoco trazido pelo covid-19, como o nosso sistema de produção está organizado, com o que realmente nos importamos e, acima de tudo, para decidir mudar a nossa trajetória.

Entre as muitas propostas que surgiram para tornar essa crise um ponto de inflexão no sentido de finalmente alcançar relações pacíficas com o complexo sistema que é a Terra, estão as de Bruno Latour. Ele sugere, antes de retomarmos a produção, que a gente faça um inventário do que valorizamos e do que, pelo contrário, queremos parar. Esta proposta é orientada para o indivíduo e para a apropriação localizada dos principais assuntos planetários. Requer reinventar a forma como socializamos com a natureza, em vez de dominá-la de forma antropocêntrica. Acima de tudo, no entanto, uma profunda reavaliação das atividades humanas é provavelmente a única maneira de cumprirmos os acordos de Paris, porque a necessária redução drástica em nossas emissões de gases de efeito estufa não é compatível com uma recuperação "normal".

Nesta perspectiva, podemos apenas nos perguntar se devemos relançar, como se nada tivesse acontecido, os setores aeronáutico, de construção naval e de fabricação de automóveis, turismo internacional, agricultura intensiva e pecuária, indústrias agroalimentares e digitais e, de maneira mais geral, nosso sistema produtivo, baseado na divisão internacional do trabalho e em incentivos ao consumo ilimitado. Não é que deixemos de fazer planos, navios, carros ou até produzir latas, mas devemos nos perguntar: o que é essencial e que nos faz felizes? E o que não é? O que é que faz possível para nos vivermos aqui sem comprometer essa capacidade para outras pessoas que moram em outros lugares e para as gerações futuras?

As perguntas poderiam, por exemplo, levar-nos a produzir apenas carros eficientes (em oposição aos SUVs) que seriam usados apenas quando não houver substituto para o transporte público, limitar drasticamente o uso de aviões, apoiar uma agricultura em sinergia com ecossistemas, para não mais tolerar que nossas roupas e remédios venham do outro lado do mundo, para comer comida local, etc... Tudo isso estaria em debate, levando em conta as implicações dessas escolhas

para nós e para os outros, especialmente aqueles em todo o mundo que atualmente dependem inteiramente da produção externa para sobreviver.

*Capacitar-nos para não retomar.*

A crise do COVID-19 levou algumas nações, por muitas razões diferentes de cumprir seus compromissos internacionais com o clima, a definir com urgência o que são “atividades essenciais”. Algumas empresas cuja produção foi considerada 'não essencial' (voluntariamente ou não) converteram-se provisoriamente para produzir produtos prioritários, enquanto outras tentaram levar os negócios como de costume, outras pararam, e muitos dos trabalhadores afetados por essas escolhas tem-se achado desempregados.

Essa divisão entre atividades "essenciais" e "não essenciais" é imposta sem controle do cidadão e, portanto, não pode servir de modelo para o futuro: se realizássemos coletivamente o inventário sugerido por Bruno Latour, essas idéias e experiências teriam que ser discutidas usando mecanismos democráticos. Elas poderiam assumir a forma de reuniões de cidadãos ou assembleias gerais, em várias escalas, o que possibilitaria discutir e perpetuar as mudanças necessárias para garantir condições de vida sustentáveis.

Esses mecanismos levariam tempo, porém a crise requer intervenção pública muito rápida para evitar falências e desemprego. No entanto, algumas intervenções seriam, no prazo imediato, claramente sem sentido: qual é o benefício, por exemplo, de apoiar a produção de aeronaves quando, mesmo além da atual crise sanitária, a trajetória de crescimento do transporte aéreo e a consequente fabricação de novas aeronaves são insustentáveis frente aos nossos objetivos de limitar o impacto climático? Em vez de garantir eternamente aos mercados que as autoridades públicas compensarão as quebras das grandes empresas, incluindo as mais poluentes e menos necessárias, por que não começar a reorientar o sistema de produção para as nossas necessidades "essenciais"? No mínimo, seria aconselhável estabelecer como condição dessa ajuda de emergência para empresas e bancos o compromisso com uma transição ecológica real. Paralelamente a essas intervenções de curto prazo, poder iam-se criar as condições institucionais para o debate sobre o nosso futuro.

Criar uma renda universal faria possível aliviar imediatamente os problemas econômicos causados por essa crise e por outras causas ainda não resolvidas. Propostas nesse sentido estão surgindo em todo o mundo. Longe de ser apenas uma resposta circunstancial um mecanismo desse tipo

poderia acompanhar, no longo prazo, a transformação necessária do nosso sistema de produção e o abandono dos princípios econômicos baseados no crescimento, como a cidade de Amsterdã já está considerando. Essa renda, a ser definida por cada país, pode ser distribuída a partir do momento em que concordarmos em taxar aos mais ricos. A viabilidade financeira de uma renda universal foi demonstrada teoricamente há alguns anos no caso da Espanha, que é de fato o primeiro país europeu a considerar a possibilidade de introduzi-la para enfrentar a crise. Enquanto isso, algumas empresas estão obtendo lucros indecentes (Amazon e outras empresas digitais) à custa dos seus funcionários, enquanto nossos varejistas locais e as nossas liberdades são dizimados. Taxar essas empresas seria bastante lógico. Os impostos sobre transações financeiras, que também poderiam limitar a especulação no mercado de ações, também seriam justificados.

Talvez possamos fazer um compromisso de dez anos. Dez anos com uma renda universal para evitar as tragédias da perda de emprego, acompanhadas de um fortalecimento dos serviços públicos e da redistribuição social. Dez anos com renda limitada, graças a uma redistribuição de riqueza proposta por Thomas Piketty - e amplamente promovida nos primeiros dias da epidemia, a fim de reconstruir a paz social e refazer a escala salarial para levar em conta a utilidade social de cada trabalho. Dez anos sem viagens a Bali ou cruzeiros de luxo. Dez anos para aprender a preferir um tomate de um jardim próximo a um bife de costela da Argentina, uma noite de jogos com amigos em vez de um fim de semana em Nova Iorque, uma visita ao sapateiro local em vez de tênis novos montados por trabalhadores mal pagos e entregues em casa por um trabalhador Uberizado da Amazon, ou o canto dos pássaros em vez de um enxame de drones. Dez anos para encontrar nossos novos empregos e a organização mais sustentável de nossas atividades. Dez anos para retomar os acordos de Paris, dos quais já estávamos fugindo a cada dia que passava antes da pandemia, e finalmente reconciliar a ecologia com a defesa dos oprimidos economicamente. Dez anos para adaptar-nos e decidir o que fazer a seguir.

Essas são apenas sugestões que devem ser amplamente debatidas, além de qualquer liderança baseada na crise. A psique coletiva será sem dúvida revertida pela crise atual. Haverá momentos difíceis e outros férteis com novos desejos. Seria angustiante deixar a mentalidade que gerou o desastre ecológico novamente fabricar o nosso futuro, do jeito que fez depois da crise financeira de 2008. Assim, sem demora, cientistas, ativistas, políticos e agentes do poder, cidadãos, vamos fazer um balanço do que é essencial para nós, vamos compartilhar iniciativas, vamos nos organizar em todos os níveis para impedir a recuperação ecocida do estado de segurança que já vai se

formando, enquanto trabalhamos ou permanecemos confinados, sem medo do amanhã. Não deixemos que se reinicie esta louca carreira, que já nos levava ao desastre. Vamos impor a refundação institucional, ecológica e cívica que oferece, por fim, a oportunidade a todas e todos de realizarmos enquanto preservamos o nosso bem comum e a conjunto da biosfera.

Tradução : Gerardo Goya